

# Do Angola ao Djumbay: imprensa negra recifense

*Martha Rosa Figueira Queiroz*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa a registrar os caminhos trilhados pela imprensa negra recifense da década de 1980 a 2007, concebida como prática discursiva. A intenção é olhar esses periódicos como um caleidoscópio que nos auxilie no exercício de registrar a atuação do Movimento Negro na cidade do Recife no citado período, buscando perceber as estratégias empreendidas pela comunidade negra no enfrentamento ao racismo. Foram abordados os jornais: *Angola*, do Centro de Cultura Afro-Brasileira; *Negritude*, do Movimento Negro Unificado/MNU-PE; *Omnira*, do Grupo de Mulheres do MNU-PE; *NegrAção*, do Afoxé Alafin Oyó e *Djumbay*, da Djumbay.

**Palavras-chave:** Imprensa negra. Movimento Negro. Recife.

**Abstract:** Designed as a discursive practice, this article intends to record the paths taken by the black press in Recife, Pernambuco/Brazil, from 1980 to 2007. The intention is to look at these journals as a kaleidoscope to help us in the course of recording the actions of the Black Movement in that city in the period, seeking to understand the strategies undertaken by the black community in tackling racism. The analysis focused the papers: *Angola*, the Center for Afro-Brazilian Culture, *Negritude*, the Unified Black Movement/MNU-PE; *Omnira*, Women's Group of MNU-PE; *NegrAção*, the Afoxé Alafin Oyó e *Djumbay* from Djumbay.

**Keywords:** Black press. the Black Movement. Recife.

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade de Brasília e membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal Rural de Pernambuco NEAB-UFRPE.

## Identificações

O conjunto identificado como “Imprensa Negra” é composto por jornais de diferentes características. Daí a advertência do historiador Flávio Gomes quanto à dificuldade de enquadramento da imprensa negra em conjuntos homogêneos.

Para Gomes,

Considerando a quantidade e diversidade desses jornais que apareceram do Rio Grande do Sul ao Recife desde a década de 1880, é muito difícil analisar sua produção como um conjunto homogêneo. Sua riqueza reside na diversidade de formatos, tendências e objetivos de atuação<sup>2</sup>.

Diante de tamanha diversidade, resta-nos ir ao ponto inicial: o que caracteriza a imprensa negra? Bastide a considera como “uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor”<sup>3</sup>. Portanto, o que caracteriza a imprensa negra para o citado autor é a temática. Para Moura, apesar das diferenças, há um eixo central:

(...) o núcleo básico do pensamento é o mesmo: a posição do negro diante do mundo dos brancos. Algumas vezes, eles assumem um caráter reivindicativo,

outras vezes, um conteúdo pedagógico e moral, mas sempre procurando a integração do negro.<sup>4</sup>

Nesse caso, são os objetivos que definem a imprensa negra. Para Ferrara (1986), “trata de uma imprensa de integração do negro – como grupo minoritário – na sociedade brasileira, expressa através de suas reivindicações; porém, sob a influência da ideologia dominante.”<sup>5</sup> Aqui, o elemento definidor é o sujeito de produção, o negro. Em sua pesquisa sobre a imprensa negra no século XIX, Ana Flávia M. Pinto (2006), a partir de Antonio Cândido (2000), adotou o seguinte procedimento: “tomo as categorias ‘autor’, ‘obra’ e ‘público’, na qualidade de momentos da produção comunicativa, como estratégia de explicação.”<sup>6</sup> Nesse ponto, comungo com a opção de Pinto, portanto, por ser uma obra que trata de questões da cultura negra; produzida por agentes negros e que tem a comunidade negra como seu público prioritário. Tais requisitos não precisam ser atendidos na totalidade para que um informativo seja definido como imprensa negra, devendo ser considerada a conjuntura de tessitura do jornal e sua atuação.

As pesquisas de Bastide, Ferrara e Moura, que abordam a imprensa negra paulista, buscam respostas para as se-

<sup>2</sup> GOMES, Flávio. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2005, p.32.

<sup>3</sup> BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. In: Idem. *O negro na imprensa e na literatura*. São Paulo: Universidade de São Paulo/ECA, 1972, p.51. (Série Jornalismo)

<sup>4</sup> MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988, p.206.

<sup>5</sup> FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986, p.40.

<sup>6</sup> PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pela escura e tinta preta - a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. Brasília: UnB, 2006, p.24. Dissertação Mestrado (História).

guintes questões, aqui organizadas em forma interrogativa: Quais os objetivos centrais que impulsionam a publicação? Qual a importância dada à educação na ascensão social e/ou fortalecimento político? Quais os conteúdos tratados? Como se deu a regularidade e a longevidade? Como o jornal se mantém? Qual a formação educacional e financeira de seus editores? E como tais publicações tratam as demais temáticas sociais? Sem desmerecer nem escapar às questões dos autores acima que abordaram a imprensa negra paulista, Pinto (2006), que aborda a imprensa negra no século XIX a partir de jornais produzidos nas cidades do Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Porto Alegre, e Souza (2006), que trata do Jornal do Movimento Negro Unificado e do CADERNOS Negros, lançam outras questões. A dissertação de Pinto visa a “apresentar um panorama dos jornais da imprensa negra no século XIX [...] e a veiculação [nesses jornais] de fragmentos de representações forjadas por homens negros livres ou até mesmo libertos acerca de questões caras ao seu cotidiano”<sup>7</sup>. À Souza interessa compreender como os periódicos por ela analisados “(...) ilustram, de modo exemplar, as estratégias empreendidas pelos negros brasileiros para produzir e divulgar um discurso identitário que almeja interferir na estrutura e no exercício do poder político-cultural.” (SOUZA, 2006:11).

As pesquisas de Bastide (1951:51-78), Ferrara (1986:23-87), Moura

(1988:204-217), Pinto (2006) e Souza (2006) revelam a diversidade da imprensa negra. Ao adotar essas pesquisas como referências, este artigo visa mapear a imprensa negra na cidade do Recife a partir da década de 1980, concebendo-a como uma prática discursiva,<sup>8</sup> com páginas reveladoras de processos tecidos pela militância negra, primordiais à construção de significados, percepções e representações acerca da identidade negra e da luta contra o racismo. Almeja-se contribuir para redução da lacuna de pesquisas sobre jornais negros no Nordeste brasileiro, área de estudo ainda pouco explorada.

Foram analisados cinco jornais publicados entre os anos de 1981 a 2007, de distintos *formatos*, representando diferentes *tendências* e diferenciados *objetivos de atuação*. São eles: *Angola*, do Centro de Cultura Afro-Brasileira; *Negritude*, do Movimento Negro Unificado de Pernambuco/MNU-PE; *Omnira*, do Grupo de Mulheres do MNU-PE; *NegrAção*, do Afoxé Alafin Oyó e *Djumbay*, da Djumbay - Organização pelo Desenvolvimento da Comunidade Negra.<sup>9</sup>

A intenção é olhar esses periódicos

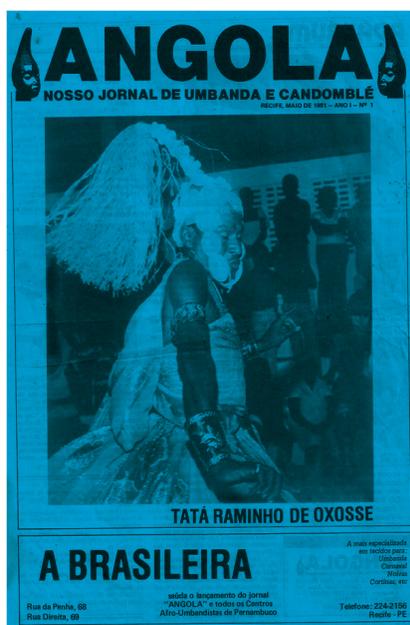
<sup>8</sup> Conforme Chartier: “práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação”. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 28.

<sup>9</sup> Durante a escrita do presente artigo, a escritora Inaldete Pinheiro de Andrade nos cedeu o número inaugural do *Bate Livre*, informativo cultural do Maracatu Nação Pernambuco, publicado em fevereiro de 1996. Em outros textos, trataremos desse periódico.

<sup>7</sup> Idem, p.XIII.

como um caleidoscópio que auxilie no exercício de observar e registrar a atuação do Movimento Negro/MN na cidade do Recife no citado período, percebendo linhas de atuações, temáticas, atividades, alianças, dificuldades, posicionamentos frente à conjuntura nacional e internacional e, principalmente, estratégias empreendidas pela comunidade negra recifense no enfrentamento ao racismo.

## Angola



Angola nº 1. Recife, maio de 1981. Fonte: Acervo particular Martha rosa

No período aqui abordado, as duas últimas décadas do século XX, o primeiro jornal da “Imprensa Negra” foi o *Angola*, cujas particularidades que o envolvem são muitas. Quando a imprensa ainda não tinha se constituído na cidade

como manifestação da militância negra como um todo, o jornal Angola já expressava um segmento específico desta militância: a militância que tem como foco as questões vinculadas ao universo religioso de origem africana e afro-brasileira, daí o sub-título do jornal “*nosso jornal de umbanda e candomblé*”. Além da especificidade da temática religiosa, o jornal apresentava algumas curiosidades. No expediente do número inaugural, em maio de 1981, o jornal era assim identificado: “*Angola. Um boletim da Boca do Povo Serviços Ltda – Praça Coronel João Lapa, 94 - Varadouro Olinda- CEP 53.000 Conselho Editorial: Edvaldo Ramos e Jorge Moraes.*” No expediente da edição que foi às ruas nos meses de outubro e novembro de 1986<sup>10</sup>, portanto cinco anos após a circulação do primeiro número, a “*Boca do Povo Serviços Ltda*” não foi citada. A seção era composta apenas pelos nomes dos editores responsáveis, Edvaldo Ramos e Jorge de Moraes, e trazia como endereço a Rua do Riachuelo, 105 - 10º andar - sala 1017, logradouro conhecido da comunidade negra por ser o escritório do Advogado Edvaldo Ramos até a presente data. É no expediente do número 4, de abril de 1989, que o Angola aparece como “*um informativo do Centro de Cultura Afro-Brasileira*” (CCAB). O CCAB foi fundado como uma alternativa ao fechamento da Frente Negra Pernambucana. Assim se expressou um dos seus fundadores, José Vicente Lima, por ocasião do cinquentenário do CCAB, co-

<sup>10</sup> Essa edição não tem numeração.

memorado em 1986<sup>11</sup> no Teatro de Santa Isabel:

A Frente Negra Pernambucana, transformada no Centro da Cultura Afro-Brasileira, se projetara juntos das outras Associações co-irmãs de todo País. Se não construímos patrimônios materiais, construímos entretanto um patrimônio muito maior, - Patrimônio Cultural que legamos aos nossos sucessores. Ideal que nos animou nesses 50 anos que hoje aqui se comemora nesta brilhante APOTEOSE.”<sup>12</sup>

Será, portanto, essa identificação que marcará o Angola: um boletim do CCAB, tendo Edvaldo Ramos e Jorge Morais como editores e a sala 1017 do Edifício Círculo Católico, situado na Rua do Riachuelo número 105, como referência geográfica. Mas o Angola não se resume ao seu expediente, apesar desse falar muito do próprio Jornal e do Movimento Negro, pois, Edvaldo Ramos e Jorge Morais são pessoas que transitaram em quase todos os espaços sociais, sempre com a bandeira da luta contra o racismo, e o CCAB é a mais antiga entidade negra em funcionamento naquela cidade. Jorge Morais era biomédico<sup>13</sup> e participou das reuniões iniciais do Movimento Negro no Recife. Homem com vasto conheci-

mento em diversas áreas, notabilizou-se por seus conhecimentos na área da religiosidade afro-brasileira, sendo autor do livro *Obi*<sup>14</sup>.

Jorge Morais participou ativamente do processo de fundação dos primeiros afoxés em Pernambuco, foi o primeiro presidente do Afoxé Alafin Oyó, fundado em 1986, além de ter sido militante do Movimento Negro do Recife, do Movimento Negro Unificado/PE e membro do Terreiro de Tata Raminho de Oxóssi, em Olinda, e do Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador. Edvaldo Ramos também tem atuação em diversas áreas. Foi presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco, é organizador do Baile Perfumado, sócio benemérito de várias agremiações carnavalescas e presidente do Centro de Cultura Afro-Brasileira (CCAB) e do Espaço Cultural Badia.

As atuações de Edvaldo Ramos e Jorge Morais na imprensa não se restringiram ao Angola. Antes da fundação desse periódico, a dupla era responsável pelas colunas “Umbanda e Movimento Negro” publicada no Diário da Noite.<sup>15</sup> Segundo o editorial do nº 4, de abril de 1989, a experiência no Diário da Noite “durou pouco tempo. Quando mudou a direção do Jornal e saiu a excelente equipe que possibilitou esta abertura (Ivan

<sup>11</sup> Apesar de comemorar 50 anos em 1986, o CCAB surgiu após o fechamento da Frente Negra Pernambucana, fundada em 1937. Segundo o jornal *Djumbay* (nº 10, p. 8), o CCAB foi fundado em 1943.

<sup>12</sup> Discurso do Sr. José Vicente Lima, publicado pelo CCAB com o título “Divulgação do Cinquentenário do Centro de Cultura Afro-Brasileiro”, Recife, 1987, p.s/n. Destaque do original.

<sup>13</sup> Faleceu em 2005.

<sup>14</sup> BARBOSA, Jorge de Morais. *Obi. Oráculos e oferendas*. Recife: ODCN, 1993. Realização: Djumbay – Organização pelo Desenvolvimento da Comunidade Negra.

<sup>15</sup> Sobre essa experiência, ver: QUEIROZ, Martha Rosa F. Os primeiros passos da imprensa negra recifense do século XX. Trabalho apresentado no XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro/CONLAB realizado em Salvador (Bahia), em agosto de 2011.

Maurício, Paulo Cunha, Pancho e outros) perdemos este espaço”<sup>16</sup>. Segundo o jornal, a razão para a vida efêmera da coluna “Movimento Negro” está no preconceito, pois foram “(...) as forças declaradas do preconceito e do poder econômico, [que] fizeram parar logo nos seus primeiros anos de atividade”<sup>17</sup>. No ano de 1989, concomitantemente à edição do *Angola*, a dupla assinava a coluna “Orixás. Coisas de Umbanda e Candomblé”, publicadas todas as sextas-feiras no jornal Folha de Pernambuco. Portanto a militância política negra, o carnaval e os meios afro-religiosos conhecem bem esses dois nomes. Com essas informações biográficas dos editores, fica compreensível o foco do *Angola* nas questões relativas ao universo litúrgico afro-brasileiro.

O *Angola* possuía quatro páginas, impresso em *offset* em preto e branco. Com exceção da edição especial de 2007 que saiu em formato A3 e com duas páginas, as demais edições tinham formato A4. Isso garantiu ao *Angola* uma identidade visual bastante sólida. Além do editorial e das publicidades, o jornal trazia uma seção intitulada *Adarrum*, mediante a qual eram noticiados eventos sociais e religiosos, além de artigos sobre aspectos gerais da religiosidade. Apesar de ser essa a estrutura, o *Angola* tratou com muita flexibilidade seu projeto editorial. Os informes compõem, além do *Adarrum*, as seções *Candomblé é notícia* (1986) e *Roteiro* (n. 5, 1989). Até o mo-

mento não foi possível acessar o número total das edições do *Angola* e o universo até aqui analisado consta de 7 (sete) edições, sendo uma edição especial, assim distribuídas cronologicamente: uma edição em 1981, uma em 1986, quatro em 1989 e uma em 2007.

O editorial é mais uma das particularidades do *Angola*. Ele só aparece a partir da edição de 1986 e sem assinatura, porém com o título “AXÊ”. Do número 4 ao número 7, o editorial vem sem título próprio, apenas com a identificação “Editorial” e assinado por Jorge de Moraes<sup>18</sup>, que sempre o encerrava com a saudação “Axé”. Tanto a palavra “Axé”<sup>19</sup> quanto o nome do jornal “*Angola*” são marcas do vínculo dos seus editores com o universo discursivo do Movimento Negro, no que se refere à valorização e deferência ao continente africano, mediante o uso de termos de línguas africanas, visando, com isso, por meio da linguagem, demarcar uma identidade negra.

O Editorial possibilita acessar a história do próprio jornal. O primeiro indica seu objetivo de ser “um meio para divulgarmos nossa gente, festas e notícias”; o público ao qual o jornal se destina: “juntem-se a nós, Federações e Centros de Umbanda e Candomblé”; e o posicionamento político: “Este é um informativo do qual seremos diretores, assinantes, conselheiros, redatores e, principalmente, responsáveis pela difusão das boas coisas da nossa seita religiosa”.

<sup>16</sup> *Angola*, n.º 4, abr/1989.

<sup>17</sup> Id., n.º 6, jun/1989.

<sup>18</sup> Nos números 4 e 5, a grafia é Jorge Moraes. Nos números 6 e 7, subscreve-se Jorge de Moraes.

<sup>19</sup> Força vital, no idioma Yorubá.

O editorial de 1986 indica como surgiu o *Angola*,

(...) tudo começou quando um grupo de jovens, amantes da cultura afro-brasileira, teve a oportunidade de realizar uma gratificante experiência: abrir espaço num jornal vespertino da cidade a tudo que fosse ligado ao candomblé, umbanda e outras manifestações da nossa religiosidade popular<sup>20</sup>.

Segundo o mesmo editorial, o “jornal teve o seu início no ano de 1981 [e] representa um trabalho do jornalista e ADVOGADO Edvaldo Ramos”<sup>21</sup> e seus apoiadores, dentre eles Jorge Morais e Ivan Mauricio Monteiro. Naquele ano, 1986, Ramos foi candidato a Deputado Estadual pelo Partido Socialista Brasileiro/PSB e as páginas do jornal registraram o apoio de muitas personalidades, como o candidato a Deputado Estadual José Carlos Guerra e a religiosa e carnavalesca Badia: “BADIA A MAIS FAMOSA YALORIXÁ DO PÁTIO DO TERÇO, APÓIA EDVALDO RAMOS PARA DEPUTADO ESTADUAL” e o Babalorixá Raminho de Oxóssi: “O TATA RAMINHO DE OXOSSE VOTA E RECOMENDA A TODOS OS SEUS FIEIS NA SEITA, EDVALDO RAMOS PARA DEPUTADO ESTADUAL”<sup>22</sup>. Agremiações carnavalescas realizaram atividades em homenagem ao candidato Edvaldo Ramos.

Além das declarações explícitas de apoio, algumas agremiações carnavalescas realizaram atividades em homenagem ao candidato Edvaldo Ramos. No Recife, foram poucas as experiências de integrantes do Movimento Negro no processo eleitoral ao parlamento. Imperou a postura de apoio individual em detrimento do apoio institucional a uma candidatura. Mesmo os apoios individuais nem sempre eram divulgados, a sugerir que segmentos do Movimento Negro só vieram a público após a experiência de Edvaldo Ramos, na campanha de Júnior Afro<sup>23</sup>, candidato a vereador pelo Recife, em 2008. Portanto foram necessários 22 anos para que personalidades negras vinculadas ao universo afro-pernambucano externassem seu apoio a um candidato vinculado ao Movimento Negro. Mais um pioneirismo do advogado Edvaldo Ramos e, por consequência, do jornal *Angola*, que não se furtou de marcar suas páginas com apoio declarado ao seu fundador e membro do conselho editorial.

Ainda ressaltando suas especificidades, destaco a relação desse jornal com os patrocinadores. O Jornal *Angola* foi apoiado por órgãos comerciais, como as lojas de artigos afro-religiosos, aliança não encontrada nos jornais do MNU (*Negritude*) e do Alafin Oyó (*NegrAção*). Além do apoio desse setor, o jornal re-

<sup>20</sup> *Angola*, s/n, nov/1986.

<sup>21</sup> Os destaques de todas as citações são dos textos originais.

<sup>22</sup> *Angola*, ano VI, outubro/novembro de 1986.

<sup>23</sup> Lindivaldo Leite Júnior, Júnior Afro, ex-militante do MNU-PE, primeiro coordenador do Núcleo da Cultura Afro-brasileira da Prefeitura da Cidade do Recife, historiador e carnavalesco. Candidatou-se pela primeira vez em 2008 a vereador pelo Partido dos Trabalhadores e recebeu declarações públicas de apoio de instituições e personalidades ligadas ao Movimento Negro.

gistra o de parlamentares e de um órgão público<sup>24</sup>. Pela inconstância dos apoios, periodicidade irregular e queixas quanto à falta de recursos para manutenção, fica nítido que o *Angola* vivenciou as mesmas dificuldades das empreitadas contra o racismo em geral, e da imprensa em particular. Os parlamentares são de partidos distintos e o órgão público que o apoiou, o fez de forma pontual (o agradecimento só aparece no número 5), o que nos leva a concluir que tais apoios são creditados mais a uma articulação pessoal dos editores do jornal do que a uma aliança partidária ou uma política pública voltada para o combate ao racismo.

A comunidade negra, e o *Angola* é um grande exemplo, tem vasta experiência em ter suas reivindicações atendidas em função de articulação pessoal, dependendo portando da intitulada 'sensibilidade' do gestor público, parlamentar ou qualquer outro detentor do poder no momento. Foi assim na publicação da coluna "Movimento Negro" no Diário da Noite no ano de 1980 e na coluna "Orixás" no Jornal Folha de Pernambuco,<sup>25</sup> bem como no apoio do Sindicato dos Estivadores no Estado de Pernambuco e do Sindicato dos Bancários de Pernambuco, registradas no n° 6, junho de 1989. Esses sindicatos eram presididos, à época, por

Adeildo Paraíso, do Terreiro de Xambá, e por Marcos Antonio Pereira, militante do MNU-PE, respectivamente. Tal situação foi motivo de reclamações no editorial da sétima edição, julho de 1989, quando a equipe do *Angola* estava envolvida, via o INTECAB<sup>26</sup> - na realização do I Encontro Estadual da Tradição dos Orixás/I EETO. Segundo o referido editorial:

(...) Dificuldades, é tudo que nós encontramos para promover a cultura negra no Brasil. Quando é para apresentar as manifestações culturais negras como atração folclórica, não tem problemas, mas quando queremos mostrar que a cultura negra é coisa séria, aí começa: vem o puxa-encolhe das instituições governamentais tipo: deixe o seu telefone que ligamos depois, o doutor fulano ainda não despachou, o doutor sicrano está viajando, e por aí afora.<sup>27</sup>

O I EETO foi realizado no período de 4 a 6 de agosto de 1989 e foi importante, também, para o *Angola*. Pois, no período de abril a julho de 1989, saíram quatro edições do *Angola*, todas elas trazendo chamada para o evento, inclusive a programação completa do I EETO, que foi realizado no Centro de Convenções do Recife. O envolvimento do *Angola* com o I EETO se justifica pela vinculação dos editores com o INTECAB, órgão promotor do evento, e pelo fato de que o *Angola* não ter se afastado de sua temática central: a mesma do encontro. Daí ser a te-

<sup>24</sup> Mais especificamente *A Brasileira* (tecidos e complementos), *Casa Preto Velho Ltda* (artigos de umbanda e candomblé); Itamar Fotos, Livro 7. Parlamentares: vereadora Geralda Farias e candidato a deputado constituinte José Carlos Guerra. Órgão público: Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo da Prefeitura da Cidade do Recife.

<sup>25</sup> Nessas ações, como no Jornal *Angola*, o jornalista Ivan Mauricio foi importante aliado.

<sup>26</sup> INTECAB – Instituto Nacional de Tradições Afro-Brasileiras.

<sup>27</sup> *Angola*, n°6, jun/1989.

mática afro-religiosa conteúdo de todos os artigos publicados e de quase todos os informes divulgados nas seções para este fim, seja o *Adarrum, o Roteiro ou o Candomblé é notícia*. Os artigos descrevem características de alguns Orixás, histórias de terreiros do Recife e outras questões, sempre vinculadas ao universo religioso. As notas informativas tratavam, quase todas, da divulgação de atividades religiosas. Os informes revelavam que o *Angola* mantinha articulações não apenas com cidades do interior de Pernambuco (Caruaru, Capoeiras, Floresta, Vitória de Santo Antão, Arcoverde e outras), como, também, de outros estados, a exemplo de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Naquelas páginas foi possível acompanhar ações da luta contra o racismo na capital pernambucana; as apresentações, no Teatro de Santa Isabel, do Bacnaré – Balé de Cultura Negra do Recife e a turnê pela Europa; a formatura em Direito de Edvaldo Ramos; atividades do Afoxé Alafin Oyó; reuniões do MNU; o apoio de Malu, presidente do Grupo Afro Axé da Lua, na distribuição do *Angola* nos terreiros de Olinda e a turnê do Maracatu Porto Rico na Europa.

Portanto, o *Angola* cumpriu seus objetivos, sintetizados na edição nº5:

(...) Mais felizes ficamos ainda, em saber que estamos preenchendo uma lacuna na área de informações dirigidas para essa comunidade tão carente de notícias para e sobre ela. Nos grandes jornais, televisões, rádios e outros meios informativos o noticiário sobre instituições e

pessoas ligadas a religião afro-brasileira, sai sempre de maneira pejorativa, quando não, no noticiário policial. Dificilmente, e em raras ocasiões, são procurados os legítimos representantes dessa religião, que sempre foi e continua sendo tão perseguida, para esclarecimentos públicos sobre matéria tão relevante para nós integrantes da comunidade religiosa afro-pernambucana. Por isso, esse nosso informativo, NOSSO mesmo, está aqui de volta, para publicar notícias, entrevistas e outras matérias de interesse dos nossos irmãos e irmãs, Babalorixás e Iyalorixás, praticantes, simpatizantes e estudiosos da nossa religião.<sup>28</sup>

Igual postura foi mantida ao longo dos 26 anos do jornal, que publicou em 2007 uma edição especial, em virtude da homenagem prestada pela Câmara Municipal do Recife, proposta pelo vereador Vicente André Gomes, do PC do B, com vasta lista de apoio às ações do Movimento Negro na capital pernambucana, ao advogado Edvaldo Ramos e à enfermeira Inaldete Pinheiro, ambos fundadores do Movimento Negro do Recife. A homenagem constou de concessão da mais importante comenda do legislativo municipal recifense – a medalha José Maria – ao advogado; e do título de cidadã recifense à enfermeira, natural de Parnamirim, no Rio Grande do Norte. Assim, os homenageados e o vereador autor da proposta, considerados fundamentais na luta contra o racismo na capital pernambucana, tiveram suas biografias publicadas nessa edição espe-

<sup>28</sup> Id., nº5. Recife, maio/1989.

cial do *Angola*, sendo possível verificar que essas biografias e a(s) história(s) do Movimento Negro recifense se cruzam, destacando-se o *Angola* como um *lôcus* dessa e de tantas outras encruzilhadas.

Pelas páginas desse jornal, encontramos o MN atuando, com distintas estratégias e posicionamentos, no carnaval, na religiosidade, nos sindicatos e nos partidos. E mais, foi possível perceber o lugar de destaque da ancestralidade africana, por meio dos aspectos religiosos, na construção das práticas discursivas do Movimento Negro em um enfrentamento racial pautado em múltiplas identidades. Assim, a luta contra o racismo não pode estar desvinculada da luta contra a intolerância religiosa, nem das experiências historicamente construídas e vivenciadas pela população negra no trato com o divino.

## Negritude

O *Negritude* é o órgão de divulgação do MNU-PE, instituição fundada no Recife em 1982, com atuação até os dias atuais. O primeiro exemplar saiu em novembro de 1986, em papel jornal, com 4 páginas, impresso em off-set e com tiragem de 1000 exemplares, distribuídos gratuitamente.

O projeto editorial do *Negritude* sofreu alterações ao longo do tempo. Havia um núcleo permanente composto pelas seguintes editorias: matéria de capa, editorial, matérias internas e expediente. As demais seções se revezavam ao sabor da conjuntura. Entrevistas, indicações de li-

vros, poesias, divulgação de cursos, notas de falecimento e cartas do leitor. O expediente do *Negritude* só foi alterado no número 6.



NEGRIITUDE nº3 . Recife, mai, june jul de 1987.  
Fonte: Acervo particular Martha Rosa.

Até então, a redação era de responsabilidade da Comissão de Imprensa, responsável pela elaboração das matérias que saíam sem assinatura, uma vez que representava o pensamento da instituição, MNU, e do grupo, a Comissão de Imprensa. Assim, até o número 5, publicado em maio de 1988, só assinavam matéria aqueles que não se incluíam no quadro de militantes do MNU-PE<sup>29</sup>. A partir do sexto número, publicado em agosto de 1993, todas as matérias pas-

<sup>29</sup> O MNU-PE tinha dois tipos de integrantes: os militantes e os simpatizantes, estes com laços mais fluidos com o Movimento. Exceção do número 4, que registra no Expediente que a matéria de capa é de autoria do militante do MNU-PE, Marcos Antonio P. da Silva.

saram a ser assinadas e a comissão de imprensa nominalmente identificada<sup>30</sup>. A tiragem também só foi identificada a partir do número 6, com 1.000 exemplares, que foram distribuídos gratuitamente nas reuniões do MNU e em eventos da comunidade negra.

Não havia sistema de assinatura e o jornal era custeado pelo próprio MNU-PE, com apoio de alguns colaboradores para composição, diagramação e impressão. Dentre as parcerias citadas, constam ECOS – Equipe de Comunicação Sindical e SINDSEP/PE. Apoios nas áreas de composição, diagramação e ilustração não foram registrados, pois os profissionais realizavam os serviços a baixo custo ou gratuitamente para o MNU-PE. Para ilustrações/diagramação, a equipe utilizava ilustrações, charges, fotografias extraídas de pôsteres, livros ou outras publicações, além de fotografias produzidas pela comissão do jornal. Neste último caso, o amadorismo se revela em fotos de baixa qualidade.

Com a mudança do projeto editorial, a editoria ‘eventos’ passou a ser intitulada “Espaço Azeviche”. Quanto à identidade visual, o *Negritude* sofreu algumas alterações. Até o número 5, o nome do jornal era gravado em letra ao lado de logotipo, criado por Lepê Cor-

reia<sup>31</sup>. No número 6 e na edição especial de carnaval, a grafia do nome vem ao lado da logomarca do MNU. Os números 7 e 8 trazem a grafia do nome incorporando ao seu interior a lança, marca do MNU. No que se refere ao formato, todos os números vinham em tamanho ofício. O Jornal do MNU-PE atuou de 1986 até novembro de 1994, assim distribuídos: um número em 1986; três em 1987; uma edição especial em 1988; um número em 1993; três números em 1994. Portanto, em oito anos foram nove edições de forma não periódica, sempre ao sabor da conjuntura política da instituição, MNU-PE, e dos apoios disponíveis.

O forte do *Negritude* eram as matérias. Em sintonia com a instituição que representava, a editoria do *Negritude* tinha sede de texto (in)formativo. Quanto mais (in)formação melhor. Assim, o primeiro número trouxe matéria de capa intitulada “o negro e a constituinte”, gravitando em torno da histórica exclusão dos negros, índios e pobres das instâncias legislativas, as quais eram “*eleitas por uma minoria de privilegiados da nação, as assembleias constituintes sempre foram a expressão viva da classe exploradora*”<sup>32</sup>. Essa matéria evidenciava que o MNU optava por discorrer sobre o processo histórico, destacando a situação social do negro. Quanto à Assembleia Constituinte responsável pela elaboração da Constituição Federal de 1988, assim se posicionou o Movimento: “defende

<sup>30</sup> O expediente passou a ter os seguintes créditos: Coordenação de Comunicação: Alzenide Simões (Leu); Redação: além da coordenadora de Comunicação, outros militantes: Mônica Oliveira, Vilma de Deus, José Alves Dias (Zeca); Marcelo Pedrosa, Martha Rosa. A diagramação e composição alternavam, porém a militante do MNU, Vilma de Deus, cumpriu essas funções em alguns números - Tiragem : 1.000 exemplares.

<sup>31</sup> Severino Lepê Correia é comunicólogo, professor, cantor, compositor e artista plástico.

<sup>32</sup> *Negritude*, nº 1, out/nov/1986.

a candidatura avulsa, porque com ela qualquer movimento representativo de setores sociais poderá eleger seus representantes”

A posição política do MNU/PE frente a diferentes temas enche as páginas do *Negritude* e sinaliza as temáticas em debate. Desde sua fundação, em 1982, o MNU-PE era uma importante referência da negrada recifense. Às reuniões realizadas sempre nas tardes de sábado no centro da cidade (Diretório Central dos Estudantes/DCE e Livraria Síntese), compareciam mesmo os que não militavam, a fim de se atualizarem e compor a ‘agenda negra’. Assim, as temáticas do jornal refletiam as demandas do MNU e das pessoas e instituições voltadas ao combate ao racismo no Recife.<sup>33</sup> Com o *Negritude*, o MNU/PE reforçou a posição de enfrentamento do racismo, principalmente no campo das ideias. Essa postura foi mantida durante toda a trajetória do jornal, a despeito de gerar a imagem de um grupo distante da grande maioria negra e pobre. Ao divulgar o relançamento do *Negritude* em julho de 1993, assim se

expressou o jornal *Djumbay*:

(...) Tendo ficando dois anos fora de circulação, o “Negritude” era dirigido especificamente a militantes negros. Agora, volta a ser veiculado com uma nova proposta: atingir, também, a massa da negra. Por isso, procura apresentar uma linguagem mais fácil ao alcance dos leitores em geral.<sup>34</sup>

O editorial do número 1 reafirma o estilo MNU de escrever e sua posição quanto ao mito da democracia racial, quanto ao objetivo de ser um veículo de toda a comunidade negra e da imprensa negra, também como um laboratório para formulação de discursos.

(...) Apesar de tantos esforços feitos, o *Negritude* demorou muito tempo para ser publicado. Esse fato vem comprovar a situação de pobreza em que vive a população, mesmo depois de quase cem anos e uma falsa abolição da escravatura. [...] É nesse contexto que o Movimento Negro Unificado/PE lança para a comunidade negra nosso primeiro boletim informativo. Um meio de comunicação que falará das nossas coisas, contará as nossas histórias, divulgará nossos eventos festivos e políticos. É com essa perspectiva que surge *Negritude*, com toda garra e disposto a estreitar cada vez mais as relações entre os membros da comunidade negra com os outros setores da sociedade, no sentido de engajar cada vez mais pessoas na luta contra o racismo. Estamos na frente de batalha para

<sup>33</sup> Sobre as reuniões do MNU-PE nas tardes de sábados no antigo DCE/UFPE como um contra-espço negro ver: QUEIROZ, Martha Rosa F. *Onde cultura é política: Movimento Negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995)*. Brasília, Universidade de Brasília, 2010. Tese de Doutorado (História). Conforme Muniz Sodré (1988:141) “Igualmente coincidente é o fenômeno de um ‘contra-espço’ negro, ou seja, a idéia de um território simbólico onde ex-escravos e seus filhos se reúnem, ao abrigo das repressões, das recriminações ou de olhares perturbadores. O contra-espço é um lugar de não-poder branco, mas que admite o contato, o acerto, desde que não implicasse alguma forma de poder direto sobre a comunidade negra”.

<sup>34</sup> *Djumbay*, n° 10, jun/jul/93, p.2. Debate sobre as representações acerca do MNU-PE em QUEIROZ, 2010.

que um dia possamos viver em plena democracia racial.<sup>35</sup>

A crítica à existência de harmonia nas relações raciais, eixo do pensamento Freyreano, foi uma constante no jornal, não se admitindo o 13 de maio como marco do fim do escravismo. Conforme a matéria “13 de maio: dia da traição”:

(...) Nós do MNU não vemos qualquer motivo para comemorações neste dia. (...) O MNU foi buscar nos nossos antepassados exemplos de luta contra a escravidão e opressão. E foi nos Quilombos, ao contrário do que continuam nos “ensinando” os atuais senhores de engenho, que encontramos a nossa referência de luta<sup>36</sup>.

Se o 13 de maio representava o “dia da traição” ou a “falsa abolição”<sup>37</sup>, o 20 de novembro sistematicamente era afirmado como a data símbolo da resistência, de acordo com o texto acima transcrito. O *Negritude*, como os demais periódicos, fazia um trabalho pedagógico ao buscar divulgar personagens tidos como heróis e heroínas da luta internacional contra o racismo. No nº5, edição especial de maio/1988, a capa é dedicada a Zumbi e as páginas centrais trazem matéria intitulada “Heróis da resistência”, composta por pequenas biografias de oito personalidades.

<sup>35</sup> *Negritude* nº 1, ano I, out/nov/1986.

<sup>36</sup> Matéria de capa do n.3. Maio\junho\julho de 1987.

<sup>37</sup> Essa expressão aparece no editorial do n. 1 e em outros trechos, também a palavra abolição vem quase sempre entre aspas. A matéria de capa do n. 4, novembro\dezembro de 1987 é intitulada “somos contra a falsa abolição”.

Tal qual os heróis negros, outros conteúdos elencados no *Negritude*, como já frisamos, compõem e alimentam o universo discursivo e político do movimento negro em geral. A África e suas histórias nos chegavam mediante convites para reuniões do Comitê anti-Apartheid,<sup>38</sup> referência a um ano de morte de Samora Machel,<sup>39</sup> visita do bispo sul-africano Desmond Tutu ao Recife<sup>40</sup>, matérias sobre a guerra na Somália,<sup>41</sup> o massacre em Shaperville, África do Sul<sup>42</sup>, e outros. A matéria sobre a guerra da Somália exemplifica a tônica das referências ao continente africano. Buscava-se ressaltar a importância da ancestralidade africana ao mesmo tempo em que se buscava combater a postura dos meios de comunicação em associar a África a mazelas em geral. No nº6, a matéria de Josafá Mota, militante do MNU/PE, sintetiza esse pensamento:

Imprensa esta [imprensa ocidental] que sempre esteve atenta para mostrar esse lado negativo do continente africano, sempre disposto a mostrar que é o negro (no caso o governante) que mata seus iguais e não mais os europeus, pois já “não estão” mais nos países por eles colonizados. Veja estas semelhanças: na década de 60, quando se falava em fome, logo apareciam cenas de Biafra; na década de 70, foi a vez da Eritreia; na década de 80, Moçambique e Etiópia; agora na década de 90, é a vez da Somália. A te-

<sup>38</sup> *Negritude*, nº 1, ano I, out/nov/1986.

<sup>39</sup> Id., nº 2, fev/mar/abr/1987.

<sup>40</sup> Id., nº 3, mai/jun/jul/1987.

<sup>41</sup> Id., nº 6, jul/ago/1993.

<sup>42</sup> Id., nº 7, mar/abr/1994.

levisão ocidental mostra os efeitos, mas, maliciosa, esconde as causas que levaram esses países a tamanha tragédia<sup>43</sup>.

Era, portanto, o *Negritude* um propagador do pensamento do MNU-PE, em meio ao (quase) total silenciamento da voz negra na imprensa local. O *Negritude*, como enfatizou o editorial do nº 6 “(...) não é apenas o Boletim do MNU. Ele é de todos os negros que estão irmanados na luta por uma sociedade onde Racismo seja coisa do passado”. Fato é que todos os jornais refletem a postura política dos seus promotores. O destaque para essa postura no *Negritude* resulta do fato de que a instituição que o promove concebe o campo discursivo como *locus* privilegiado da construção e desmontagem do mito da democracia racial e de suas implicações nas relações raciais no Brasil. A pauta do *Negritude* refletia a agenda de atividades, temáticas e análise conjuntural nas quais o MNU estava envolvido.

Foi assim no acompanhamento dos encontros de negros do Norte e Nordeste, da articulação com as comunidades remanescentes de quilombos, Conceição das Crioulas; da atuação junto ao Maracatu Leão Coroado; da participação no Afoxé Alafin Oyó; dos eventos nacionais do MNU, como o Seminário Nacional de Planejamento realizado em Olinda, em abril de 1989. A história do próprio MNU também foi enfatiza-

<sup>43</sup> Id., nº6, jul/ago/1993.

da, como parte da luta presente contra o racismo. Nesse sentido, o jornal publicou entrevista com os integrantes da CEN – Comissão Executiva Nacional, Marcos Pereira e Adelaide Mota, ambos do MNU-PE;<sup>44</sup> artigo “*História do MNU*”;<sup>45</sup> artigo “*MNU – 15 anos: análise e perspectivas*”.<sup>46</sup> A conjuntura nacional e internacional estava sempre na pauta, na perspectiva da articulação com o racismo. Foi assim nas matérias sobre a Assembleia Constituinte e “o racismo na Nova República”<sup>47</sup>; a violência policial cotidiana; o rap como expressão da juventude e o carnaval. Além dos temas conjunturais, a luta de classe, a questão de gênero e outros temas estavam presentes no *Negritude*.

As intervenções do MNU no carnaval e sua relação com outras instituições aparecem em diferentes edições, bem como notas convidando para eventos e matérias assinadas por integrantes do MNU e das instituições afins. Portanto, as páginas do *Negritude* retratam muitas histórias do Movimento Negro recifense. Não só por ser o boletim de uma instituição de grande referência na luta negra no Brasil e no Recife, mas porque é possível traçar uma análise das relações raciais sob a óptica da comunidade afrorecifense, bem como as múltiplas respostas dadas por essa comunidade ao racismo.

<sup>44</sup> Id., nº 1, out/nov/1986.

<sup>45</sup> Id., nº 1, out/nov/1986.

<sup>46</sup> Id., nº6, jul/ago/1993.

<sup>47</sup> Id., nº 1, out/nov/1986.

## NegrAção

*NegrAção* foi o boletim do Afoxé Alafin Oyó, instituição fundada em 1986 na cidade de Olinda. O Alafin Oyó é o quarto afoxé fundado em Pernambuco, porém goza de um carinho todo especial dentre os admiradores desse gênero musical. Isso se deve ao fato de seus ensaios serem realizados, desde a fundação, em local de fácil acesso, na cidade de Olinda, tornando-se um ponto de encontro festivo da negrada da cidade. Foi assim por muito tempo: ensaio de afoxé era o sinônimo de ensaio do Alafin. Apesar de existir hoje no Recife em torno de 30 Afoxés, o Alafin Oyó ainda tem seu charme, apesar de não ser o mais antigo em atuação. O Boletim *NegrAção* destaca-se como o primeiro boletim com oito páginas<sup>48</sup> e tamanho tablóide, uma das distinções do projeto editorial, que inova também com um expediente mais detalhado. O *NegrAção* teve uma história editorial muito semelhante ao *Negritude*, tendo em vista que a Diretoria de Imprensa, responsável pela edição do jornal, era composta por três mulheres, das quais duas eram militantes do MNU: Alzenide Simões e a autora deste artigo. A outra era Márcia Diniz, pessoa muito próxima ao MNU e ex-integrante do Grupo de Teatro Abibimam. Assim, similar à primeira fase do *Negritude*, eram assinadas apenas as matérias escritas por pessoas não integrantes da diretoria de imprensa. No expediente essa metodologia era explici-

<sup>48</sup> Somente o nº 5 do *Negritude* teve 8 páginas.

tada: “as matérias assinadas são de responsabilidade dos autores e as demais da diretoria de imprensa.”<sup>49</sup> Por meio do *NegrAção*, é possível localizar trânsitos de participação e alianças estabelecidas pelo Movimento Negro, a exemplo das integrantes da comissão de imprensa do Alafin Oyó, que participaram da redação dos dois boletins do MNU, o *Negritude* e o *Omnira*; a colaboração da ETAPAS/ Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social<sup>50</sup> e das criações de Lepê Correia<sup>51</sup>. Em outro texto, abordamos o processo de circularidade horizontal<sup>52</sup> vivenciada no Movimento Negro recifense. Essa circularidade de discursos garantiu que desde os primeiros passos, o MN vivenciasse a indissociabilidade entre ação política e linguagens artísticas, daí um grupo de afoxé (um dos pioneiros) priorizar a edição de um jornal.

O conteúdo do *NegrAção* seguia o roteiro do Movimento Negro: as revoltas negras, análise conjuntural da situação do negro no Brasil e no mundo, enfrentamento do mito da democracia racial, denúncias de casos de racismo, divulgação de eventos do Alafin Oyó e outras entidades, poesias, indicação de leituras,

<sup>49</sup> *NegrAção*, nº 1, nov/dez/1988.

<sup>50</sup> Organização Não-Governamental (ONG) de apoio ao movimento popular.

<sup>51</sup> Muitas das logomarcas utilizadas pelos movimentos negros recifenses são de autoria de Lepê Correia, a exemplo das logomarcas dos jornais *NegrAção* e do *Negritude*.

<sup>52</sup> Noção tomada de Rachel Soihet, que a construiu sob a inspiração de Bakhtin, e que se refere ao entrelaçamento de “elementos de grupos analogamente situados na estrutura social”. SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Estudos sobre o carnaval carioca, da *Belle Époque* ao tempo de Vargas. Uberlândia: EDUFU, 2008, p.237.

destaques para ações das mulheres, das lideranças negras do passado e do presente. A capa do 1º número do *NegrAção* trouxe chamada para a matéria sobre Zumbi dos Palmares intitulada “*renasce Zumbi*”. O texto reforçava a tática discursiva do Movimento Negro de (re)afirmar, sistematicamente, a experiência quilombola, e, em especial, a palmarina como modelo de luta.<sup>53</sup> A matéria encerra com um trecho poético: “*RENASCE ZUMBI, desta luta nossa, deste povo teu, deste universo fértil, desta sociedade racista. RENASCE ZUMBI NA VOZ E NO GESTO DE CADA QUILOMBOLA QUE SOMOS*”<sup>54</sup>. O debate entre o 13 de maio e o 20 de novembro também se faz presente. O editorial é elucidativo, ao fazer a reflexão sobre a comemoração dos 100 anos da abolição. Para as redatoras do *NegrAção*, o ano de 1988 se notabilizou como um ano “*marcado pela confirmação do racismo brasileiro e [...] também um ano de REFLEXÃO para a comunidade negra organizada [...]*”<sup>55</sup>

Essa polaridade vivenciada em 1988 se deve às críticas feitas pelo MN às ações comemorativas do treze de maio, entendendo que o rompimento com a condição de subalternidade ainda não tinha ocorrido para o negro brasileiro. Ainda no editorial de lançamento, as re-

dadoras expõem uma posição que foi praticamente “*majoritária dentre os movimentos negros em 1988*”:

(...) Nós recusamos a ouvir passivamente o ‘axé para todo mundo axé’<sup>56</sup>, que representa a tentativa, por parte dos meios de comunicações burgueses, que sempre estão a serviço da classe dominante, de cooptação de nossos valores culturais e respaldando as mentiras oficiais, como no caso do 13 de maio<sup>57</sup>.

O lançamento do *NegrAção* é significativo por vários motivos. Ele representa a continuação de uma linha editorial, por meio de um novo boletim, representando outra entidade. Daí, algumas questões foram explicitadas já na primeira edição. Foi o caso da inclusão do preço de venda na capa, da autoria do logotipo<sup>58</sup>, da definição da periodicidade bimensal, embora não cumprida.

O *NegrAção* além de divulgar as ações do próprio Afomé, difundia reflexões da editoria do jornal sobre alguns temas específicos e tratava de temas diversos articulados com a temática racial. As abordagens vinham em forma de entrevistas, matérias ou notas. Apesar de não ter a questão de gênero como eixo, o fato de o jornal ser formatado majoritariamente por mulheres, leva-nos a compreender o grande espaço dedicado ao

<sup>53</sup> Sobre o lugar de Zumbi e da luta palmarina na formação discursiva do MN, ver: SOUZA, Pedro de. A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da afirmação do negro no Brasil. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 60.

<sup>54</sup> *NegrAção*, nº 1, nov/dez/1988.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Jingle utilizado pela Rede Globo de Televisão para comemorar os 100 anos da abolição.

<sup>57</sup> *NegrAção*, nº 1, nov/dez/1988.

<sup>58</sup> O Negritude só colocou o preço nos números 3, 4 e 5. O crédito do logotipo só aparece no número 5. Como já frisado, as logos do Negritude e do *NegrAção* são de autoria de Lepê Correia.

protagonismo feminino. O editorial do número 2 revela essa identidade: “*E dando importância também a este panorama [a conjuntura das eleições de 1989], nós, mulheres negras, estamos nos organizando a nível nacional o I Encontro de Mulheres negras.*” Daí encontramos entrevista concedida por Vera Barone, à época candidata à Câmara dos Vereadores do Recife pelo Partido dos Trabalhadores, a Lúcia Crispiano, primeira mulher a presidir o Afoxé Alafin Oyó; além de relatos das participantes do 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras.

Os informes eram agrupados na editoria “*Mural Piche*”. Notícias que registram a efervescência do Movimento Negro recifense daquele momento: Em 20 de/novembro de 1988, foi inaugurada a “Rádio Quilombo dos Palmares” no bairro Chão de Estrelas. Marcos Antônio, militante do MNU-PE, venceu a eleição para presidente do Sindicato dos Bancários de Pernambuco; o Vaticano proibiu a realização da missa dos quilombos realizada pelo arcebispo de João Pessoa, Dom José Maria Pires; os associados do Afoxé Alafin Oyó, Jorge Andrade (PSB) e Severo (PSDB), concorreram à Câmara Municipal de Olinda; Inaldete Pinheiro lançou o livro “Pai Adão era nagô e cinco cantigas para só cantar” e atuação do próprio Alafin Oyó.

No campo das ações, ressaltava-se o papel imprensa negra. Para o *NegrAção*, a imprensa negra é importante, porque

uma vez que os meios de comunicação burgueses se fortalecem mais e mais fe-

chando seus espaço para os movimentos populares ou sendo usados de forma alienante, como aconteceu na campanha de centenário da falsa abolição, quando a referida imprensa tentou sufocar os atos de repúdio dos movimentos negros em detrimento dos atos alusivos à princesa Isabel<sup>59</sup>.

Foi o *NegrAção*, um boletim de uma instituição carnavalesca, que cumpriu a agenda discursiva do MN, o que sinaliza que a linha que distingue as entidades culturais das entidades políticas é muito tênue, sendo a trajetória das instituições um rol de ações que transitam do cultural ao político, compondo um universo discursivo marcado pelo enfrentamento ao racismo e oposição ao mito da democracia racial.

### **Omnira**

O grupo de Trabalho de Mulheres do MNU-PE intitulado *Omnira* lançou em 1993 o boletim informativo homônimo. O *Omnira* faz parte de uma *Rede de Jornais Populares* ligada a ETAPAS, que era “(...) *uma articulação democrática, que traz ao público visões de mundo diferenciadas, possibilitando uma análise crítica da realidade*”<sup>60</sup>. Pela política da Rede de Jornais Populares, cada boletim que fazia parte da rede tinha

(...) 4 (quatro) folhas grandes, [e] o jornal dedica a primeira e última página para assuntos e comerciais de sua

<sup>59</sup> *NegrAção*, nº 2, fev/mar/1989.

<sup>60</sup> *Omnira*, nº 5, maio/1994.

comunidade. Já as páginas de dentro são para reportagens mais gerais, que tratem de problemas comuns a todas as comunidades”<sup>61</sup>.

O grupo *Omnira* reservou as páginas internas dos números 4 e 5 do boletim às matérias “Tráfico de mulheres” e “Dia Internacional do Trabalhador?”, ambas assinadas por Cristina Vital. Portanto essas matérias estavam em todos os 95 jornais da rede e suas respectivas comunidades. O MNU não dispunha da totalidade do *Omnira*, como ocorria com o *Negritude*, entretanto atingia um público maior e mais diversificado. A evidenciar a preocupação com a situação social do negro e a posição política do MNU, o nº5 trouxe duas matérias sobre o 1º de Maio: “*uma do Movimento Negro Unificado e outra da Central dos Movimentos Populares. A preocupação principal era não confundir o público acerca da nossa visão e concepção política, enquanto militantes negras*”<sup>62</sup>.

O Boletim *Omnira* optou, como eixo central, por articular as temáticas gênero e raça nas 4 páginas, impressas em off-set, preto e branco, sobre papel jornal, e com tiragem de 1000 exemplares. Quanto ao formato, os três primeiros números do *Omnira* vieram em tamanho meio ofício, passando a ser editado em tamanho ofício a partir do número 4, como resultado da mudança “(...) de reordenações na política de editoração da

*Rede de Jornais Populares (...)*”<sup>63</sup>.

As matérias eram assinadas por membros do GT *Omnira*, por integrantes de outros grupos de mulheres e, algumas poucas, transcritas de livros. O projeto editorial do *Omnira* era bastante simples: matérias, editorial e informes organizados pela editoria “Mulheres em Movimento”. No nº6, a editoria “*Mulheres em Movimento*” trouxe notícias da fundação do grupo “Mulheres Negras de Camaragibe” e da realização, pelo Centro de Pesquisa Solano Trindade, do I Encontro Estadual de Mulheres Negras. O evento foi realizado em agosto de 1994, na cidade de Camaragibe, município que possuía desde 1991 o bloco afro Camarás, a evidenciar a efervescência da militância negra na Região Metropolitana do Recife. O *Omnira* também divulgou as ações do MNU, dentre elas um *box* para a grife do MNU-PE, *Negritude Consciente*; a participação no II Seminário Nacional de Mulheres Negras e na organização das mulheres no Estado: “*Em Pernambuco, o Coletivo de Mulheres Negras surgiu em 1991, no II<sup>64</sup> Seminário Nacional de Mulheres Negras que ocorreu em novembro/91-Salvador/BA, o qual contou com a participação de seis delegadas de PE.*”<sup>65</sup>. Todas as matérias estavam relacionadas à temática da mulher negra, ressaltando que a luta contra o racismo teve (e tem) nas mulheres negras importantes protagonistas. Os nomes de

<sup>61</sup> Id., nº 4, out/nov/1993.

<sup>62</sup> Id., nº 5, maio/1994.

<sup>63</sup> Id., nº 4, out/nov/1993.

<sup>64</sup> Em 1991 aconteceu o I Seminário Nacional de Mulheres Negras.

<sup>65</sup> *Omnira*, nº 6, out/1994.

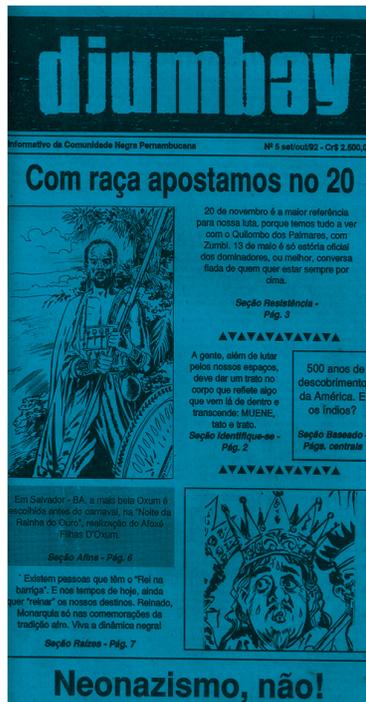
lideranças eram substantivados possibilitando que todas pudessem (e possam) vir a ser uma delas.

(...) Quantas Luiza Mahin (Revolta dos Malês), Aqualtune e Dandara (Quilombo dos Palmares), Zeferina, Anastácia não se curvaram, nem calaram diante de um branco, e tantas outras que estão vivas na nossa história, como exemplos de luta do povo negro<sup>66</sup>.

Buscava-se estimular a auto-estima das leitoras e dos leitores, incentivando-lhes a “acreditar no seu potencial de poder transformar esta sociedade racista, [que] é fazer jus a luta das negras guerreiras do nosso passado tão presente nos nossos dias”<sup>67</sup>. Por suas páginas podemos observar que o Movimento Negro reflete sobre gênero, ao construir grupos de mulheres que buscam analisar as relações raciais sob o ponto de vista feminino. O *Omnira* é a voz feminina em alto e bom tom na história do MN no Recife por ressaltar as personagens e as cenas desse enredo que articula racismo e sexismo.

## Djumbay

O informativo *Djumbay* é o jornal negro com maior número de edições na Região Metropolitana do Recife e cedeu seu nome a uma instituição. Até o nº5 (jul/ago/1992), o *Djumbay*, conforme seu expediente, era “uma publicação da



DJUMBAY nº5 . Recife, setembro e outubro 1992.

Fonte: Acervo particular Martha Rosa

*Sambaxé CONSULTORIA, EVENTOS e PROMOÇÕES*”. Do nº6 (nov/dez/1992) ao nº9 (maio/1993) não há referência à instituição promotora. A partir da décima edição, o jornal passa a ser uma “publicação da *Djumbay* Organização pelo Desenvolvimento da Comunidade Negra”. Porém, antes dessa série, saiu, enquanto informativo do Sambaxé,<sup>68</sup> “duas publicações experimentais, com uma tiragem mensal de cinco mil exemplares e com formato tablóide”. Esse relato mostra que o *Djumbay* já começou com uma tiragem muito superior aos demais jornais da imprensa negra recifense. A organização *Djumbay* considera o ano

<sup>66</sup> Id., nº 5, maio/1994.

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> O número 2 é de abril de 1991.

de 1992 como marco inaugural do jornal, tanto é que o número 8 (mar/abr/1993) relata que “para comemorar seu 1º ano de resistência, o Jornal Djumbay organizou uma comemoração na sexta-feira, 26/03/93, no Palco Nelson Ferreira, na Casa da Cultura (...)”<sup>69</sup>. Portanto, em um ano, o *Djumbay* publicou oito edições, garantindo uma periodicidade quase mensal. Essa experiência de periodicidade regular, com tiragem superior a 1000 e cinco anos de publicação ininterrupta, é registrada no expediente.

Desde o número inaugural, o *Djumbay* contava com jornalista profissional responsável; apoio de órgãos governamentais (FUNDARPE, Secretaria Estadual de Educação/SEC e Companhia Editora de Pernambuco/CEPE), profissionais para ilustração (Amauri Cunha) e fotografia (Carlo Gonçalo) e um conselho editorial composto por cinco pessoas<sup>70</sup>, além de colaboradores eventuais. Essa infraestrutura possibilitou ao *Djumbay* tiragem de 10.000 exemplares e na distribuição em parceria com a SEC, os jornais chegaram aos professores da rede estadual de ensino. Em setembro de 1993, a *Djumbay* publicou a “Coletânea Djumbay” com os dez primeiros números encadernados, acompanhado de uma apresentação e um histórico.

Uma característica que o *Djumbay*

quis preservar foi a autonomia institucional. O nº 2 da fase do Sambaxé, quando o *Djumbay* se auto-identifica como um “informativo do projeto cultural sambaxé”<sup>71</sup>, revela que a busca pela autonomia era parte do projeto político do grupo<sup>72</sup>, pois também o:

(...) O Sambaxé é um projeto autônomo, com vida própria, que nasceu para difundir a cultura afro, sem precisar da “patente” de nenhuma entidade para se firmar. Não é uma entidade, por isso nos chamamos de “comunidade Sambaxé”.

Essa postura foi reforçada em vários momentos. Ainda na segunda edição da fase Sambaxé, a editoria Osikuambi enfatiza que:

(...) Ele [o *Djumbay*] é aquele que surge no momento oportuno, com o objetivo de articular as diversas correntes de pensamento dentro do Movimento de Negros. Pretendemos servir e informar a nossa Comunidade sobre nossos valores e idéias culturais, projetos, eventos. Religião e lutas políticas. Mais uma vez, queremos afirmar que, a nossa proposta é sermos um espaço aberto.<sup>73</sup>

Ao reiniciar a numeração da nova proposta editorial, em março de 1992, a preocupação com a autonomia se mantém. O jornal traz como subtítulo “*Informativo da Comunidade Negra Pernam-*

<sup>69</sup> *Djumbay*, nº 8, mar/abr/1993.

<sup>70</sup> Gilson Pereira, Gláucia Maria, Lepê Correia, Rosilene Rodrigues e Verônica Gomes compunham o grupo mais estável, porém outras pessoas também integraram o conselho do *Djumbay*: Edmundo Ribeiro, Irismar Silva, Nivaldo Sant’Anna e outros(as).

<sup>71</sup> *Djumbay*, nº 2, abr/mai/1992.

<sup>72</sup> Na época composto por: Lepê Correia (Coordenação), Rosilene Rodrigues (Diretora de Comunicação), Jorge Ribeiro (Jorge Riba, Diretor Executivo), Iaraci Silva (Secretaria) e Fábria Gomes (jornalista responsável).

<sup>73</sup> *Djumbay*, nº 2, abril/1991, p. 2. (Fase Sambaxé).

*bucana*” e na editoria, “Fala, negritude”, percebe-se que o público absorveu o discurso de autonomia e concordou. Vejamos alguns depoimentos:

(...) Era o que estava faltando: um jornal que não se limitasse a uma entidade e sim, a entidades.<sup>74</sup>

Com essa nova proposta, o *Djumbay* passa a ter fundamento e a atender o conceito de comunidade, de união, de um só propósito, como acredito que deve ser.<sup>75</sup>

Os relatos acima revelam que a postura do *Djumbay* em enfatizar a necessidade da ampliação dos horizontes políticos para além das instituições promotoras dos jornais foi significativa, mesmo se encontrando vinculado, em quase toda sua trajetória, a uma instituição. No entanto, não é essa ou nenhuma outra assertiva que garantirá distanciamento entre o projeto político do grupo gestor do jornal e o projeto editorial do jornal. São estratégias discursivas diferenciadas e a meta por uma imprensa dissociada de uma entidade específica materializa parte da concepção política do grupo. Por essas e tantas outras possibilidades, a imprensa negra em seu conjunto “(...) *constituem rico material disponível ao olhar do leitor atencioso ou do estudioso interessado em investigar as modalidades de construção de*

*discursos identitários no Brasil*”<sup>76</sup>.

O *Djumbay* veiculava muitos anúncios publicitários, dentre eles trabalhos de militantes como o Sebo de Pedro Américo, as fotografias de Carlo Gonçalo e a Livro-locadora de Lepê Correia. No final da “Coletânea *Djumbay*”, há uma lista de empresas que “*apoiaram com a prestação de serviços tendo, em contrapartida, a sua logomarca publicada em algumas edições dessa Coletânea.*”

São tantos os lastros legados pelo *Djumbay* acerca da recente história do MN, que impossível seria registrar todos aqui. Ressalto as tantas matérias e referências acerca das organizações negras, sem desmerecer o ativismo individual como agente da luta anti-racismo. Para isso, merece destaque texto publicado no nº2 (maio/92), sob o título “Quem é quem em Pernambuco?”, no qual figuram afoxés, blocos e bandas em atuação na época.

Muitas outras organizações, inclusive não enquadradas nas categorias da matéria de maio/1992, mereceram atenção do *Djumbay*. Os textos do *Djumbay* registram não só a existência desses sujeitos políticos, mas suas atuações e compreensões nos processos de afirmação cultural, reconhecimento e enfrentamento do racismo, além de construção de identidades. São os rastros da história de uma cidade que precisa olhar mais as suas negras marcas. Se cada jornal aqui tratado merece a exclusividade de um ar-

<sup>74</sup> Id., nº 1. Recife, março/1992. (Depoimento de Nado, do Balé Kebiosô.

<sup>75</sup> Id., nº 1. Recife, março/1992. (Depoimento de Gilson Santana (Meia-Noite), presidente do Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo).

<sup>76</sup> SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.255.

tigo, o que dizer do *Djumbay* com suas 11 editorias grafadas em *Yorubá* e com quase 30 edições, sendo as primeiras com 8 (oito) páginas e as últimas com o dobro. Um único artigo não comportaria tanta história!

### **É tempo de falar!**

Resta-me ressaltar que são os jornais da imprensa negra importante fonte para a história do Movimento Negro Recife, principalmente no que se refere às representações construídas e alimentadas pelas organizações negras sobre as relações raciais na cidade do Recife. Portanto, é a imprensa negra um espaço para rostos e vozes negras se apresentarem no cenário político da cidade com seus sonhos, dilemas, deuses, músicas, heróis e heroínas. São esses periódicos, espaços de revelação de talentos, pois pelas páginas desses jornais encontramos algumas poesias e desenhos de Lepê Correia, desenhos de Jorge de Moraes, e poesias de Inaldete Pinheiro, Fátimo e Maria das Neves Maranhão, além de textos de autoria desses e outros cidadãos negros que encontraram na imprensa negra espaço para expor suas criações. Provavelmente muitos leitores e leitoras desses periódicos só conhecem essas pessoas e suas habilidades graças à imprensa negra, pois muitas delas nunca organizaram uma exposição nem publicaram seus livros. Os jornais também possibilitaram campo de trabalho, voluntário ou assalariado, para diagramadores, ilustradores, fotógrafos (poucos) e outros profissionais, muitas

vezes da própria instituição. Foram, acima de tudo, espaços de aprendizagens de múltiplas habilidades, dentre elas a de expor as ideias pela escrita ou imagética, sempre tendo a temática racial como foco.

Portanto, a imprensa negra recifense do século XX expressa discursos que integram uma formação discursiva que aglutina diferentes segmentos do Movimento Negro. Discursos marcados pela valorização do universo cultural e religioso africano e afro-brasileiro, pela exaltação de heróis e heroínas negras, oposição ao mito da democracia racial, identidade com o continente africano, uso de signos estéticos e culturais africanos e afro-brasileiros como marcas identitárias, pela ênfase à necessidade do protagonismo negro, visando desmontar o racismo, pela atuação em diversas frentes, sendo a impressão de jornais negros uma delas, pois como frisou o *Angola* “*nós mesmos é que temos que resolver nossos problemas*”<sup>77</sup>. Esse chamamento para a luta já estava presente no jornal pioneiro da imprensa negra recifense, “O HOMEM: Realidade Constitucional ou Dissolução Social”, que em sua edição inaugural, lançada no Recife em 13 de janeiro de 1876, clamava: “*Há tempo de calar e há tempo de falar. O tempo de calar passou, começou o tempo de falar*”<sup>78</sup>.

<sup>77</sup> *Angola*, nº 7, jul/1989.

<sup>78</sup> PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pela escura e tinta preta - a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. Dissertação (Mestrado em História). Brasília: PPGHIS/UnB, 2006. p. 86.

Os periódicos estudados são importantes espaços da comunidade negra recifense, revelando por meio de suas páginas várias histórias da atuação do MN, além de registrarem as vozes negras recifenses ignoradas pela imprensa local.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, Jorge de Moraes. *Obi. Oráculos e oferendas*. Recife: ODCN, 1993.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. In: BASTIDE, Roger. *O negro na imprensa e na literatura*. São Paulo: USP/ECA, 1972. (Série Jornalismo).

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

GOMES, Flávio. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

LIMA, José Vicente. *Divulgação do cinquentenário do Centro de Cultura Afro-Brasileiro/CCAB*. Recife: CCAB, 1987.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1998.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pela escura e tinta preta - a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. Dissertação

(Mestrado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

QUEIROZ, Martha Rosa F. *Onde cultura é política: Movimento Negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995)*. Tese (Doutorado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os primeiros passos da imprensa negra recifense do século XX*. Trabalho apresentado no XI CONLAB, Salvador/Bahia, agosto de 2011.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade. A forma social negro-brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso. Estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SOUZA, Florentina da Silva. Afro-descendência. *Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Pedro de. A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da afirmação do negro no Brasil. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

### Fontes documentais

*Angola*. s/nº. Recife, ano VI, outubro e novembro de 1986.

- \_\_\_\_\_. n° 4. Recife, abril de 1989.
- \_\_\_\_\_. n°6. Recife, junho de 1989.
- \_\_\_\_\_. n°5. Recife, maio de 1989.
- \_\_\_\_\_. n° 7. Recife, julho de 1989.
- Djumbay*. n° 1. Recife, março de 1992.
- \_\_\_\_\_. n° 2 (Fase Sambaxé). Recife, abril de 1991.
- \_\_\_\_\_. n° 2. Recife, abril e maio de 1992.
- \_\_\_\_\_. n° 10. Recife, junho e julho de 1993.
- \_\_\_\_\_. n° 8. Recife, março e abril de 1993.
- Negritude*. n° 1. Recife, outubro e novembro de 1986.
- \_\_\_\_\_. n° 2. Recife, fevereiro, março e abril de 1987.
- \_\_\_\_\_. n° 3. Recife, maio, junho e julho de 1987.
- \_\_\_\_\_. n° 4. Recife, novembro e dezembro de 1987.
- \_\_\_\_\_. n° 5. Recife, maio de 1988.
- \_\_\_\_\_. n°6. Recife, julho e agosto de 1993.
- \_\_\_\_\_. n° 7. Recife, março e abril de 1994.
- NegrAção*. n° 1. Recife, novembro e dezembro de 1988.
- \_\_\_\_\_. n° 2. Recife, fevereiro e março de 1989.
- \_\_\_\_\_. n° 4. Recife, outubro e novembro de 1993.
- \_\_\_\_\_.n° 5. Recife, maio de 1994.
- \_\_\_\_\_. n° 6. Recife, outubro de 1994.
- Omnira*. n° 4. Recife, outubro e novembro de 1993.
- \_\_\_\_\_. n° 5. Recife, maio de 1994.
- \_\_\_\_\_. n° 6. Recife, outubro de 1994.